



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

QUARTO DE DESPEJO: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E IDENTIDADES

Luciana Alves Pereira Ribeiro ¹

Zoraide Portela Silva ²

Resumo: O presente artigo pretende analisar a obra literária Quarto de Despejo – Diário de uma favelada – da autora Carolina Maria de Jesus, que servirá como instrumento de vivência empírica e contraponto da ancestralidade das comunidades quilombolas no município de Caetité, diante da ausência de memórias nessas comunidades, em que os educandos sejam pertencentes, embora nem sempre sejam estimulados a resgatar os contextos históricos de sua trajetória de vida. Pretende-se fomentar o resgate e incentivo à produção do registro de memórias coletivas e individuais dos educandos, que serão estimulados a produzirem relatos em um portfólio individual para a produção de um livro de memórias para dar visibilidade a esses sujeitos.

Palavras-chave: Ancestralidade; Identidades; Memórias; Relações étnico-raciais; Lei nº 10.639/2003.

Introdução

O presente trabalho faz parte de uma linha de investigação cujo objetivo central é debruçar sobre a seguinte pergunta de partida: como a obra Quarto de Despejo da autora Carolina Maria de Jesus poderá contribuir para o registro de memórias e trajetórias de vida dos sujeitos oriundos de comunidades quilombolas no município de Caetité?

Esse projeto engendrou-se a partir das vivências oriundas do Curso de Pós-Graduação lato sensu em Educação e Diversidade Étnico-Racial, em nível de Especialização, ofertado pelo Departamento de Ciências Humanas (DCH), Campus VI da UNEB, em Caetité, Bahia, onde elegi como tema da minha pesquisa: “LUTAS E PERSPECTIVAS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS EM PAJEÚ DOS VENTOS, CAETITÉ, BAHIA”. Isso porque lecionando no Grupo Escolar Manoel Soares da Cruz, localizado na comunidade de Tanquinho de Aroeiras, zona rural, no distrito de Pajeú dos Ventos, Caetité-BA, e em observação ao espaço escolar, notamos a ausência de memórias das comunidades de Cristina e de Olho D’Água, tanto coletivas, quanto individuais, nos fazendo compreender que a reconstituição da trajetória pessoal dos educandos poderá

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade da Universidade do Estado da Bahia.

² Doutora em Letras pela USP. Professora na UNEB, Campus VI – Caetité-Bahia.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

nos auxiliar no processo deste resgate, bem como na construção de identidade pessoal. Perspectiva-se, assim, que o texto literário introduzido nesse projeto poderá contribuir para a construção de sujeitos e da realidade, através da estruturação de vínculos com suas comunidades.

Através do trabalho que ora se delinea, poderá ser despertado no indivíduo o sentimento de pertença à própria história e fará com que os educandos reflitam sobre sua própria trajetória, conhecendo a importância do registro de memórias e formação da sua identidade através do sentimento de pertença de forma que elas não se percam no tempo e no espaço, uma vez que a fonte é basicamente a oral.

Nesse sentido, demanda-se que a Secretaria Municipal de Educação enfrente como desafio a construção do Plano de Educação Quilombola, no município de Caetité, posto que ainda não conta com um plano específico para os alunos oriundos de comunidades remanescentes de quilombos; entretanto, no Plano Municipal de Educação 2015-2025, apresenta um diagnóstico sobre a educação quilombola no município de Caetité, inclusive citando a Lei nº 10.639/2003, em que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica. Consta no referido documento a Meta 21, contemplando os objetivos e as estratégias acerca do ensino das populações remanescentes quilombolas. Em razão da falta de um plano específico para as populações negras, os professores se deparam com dificuldades no processo ensino-aprendizagem desses educandos que, diariamente, se deslocam de suas comunidades, muitas vezes distantes da escola, em busca do conhecimento formal.

Nesse contexto, faz-se pertinente ressaltar que a Lei 10.639/2003, em seu inciso 2º, descreve que os conteúdos da História e Cultura Afro-Brasileira devem ser ministrados nas áreas da educação artística, literatura e história brasileira, ou seja, é através dessas formações que podemos explorar resgates de memórias e identidade sobre as questões de relações étnico-raciais.

Como as práticas de leitura e escrita já compõem o cotidiano dos educandos, mas não totalmente como fonte de autoconhecimento, utilizaremos o texto literário como instrumento de vivência empírica como contraponto do reflexo da ancestralidade das



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

comunidades quilombolas ao qual estes educandos são pertencentes e que nem sempre são estimulados a resgatar os contextos históricos de sua trajetória de vida.

Nesse processo, propõe-se trabalhar a obra literária Quarto de Despejo - diário de uma favelada - da autora Carolina Maria de Jesus, que narra o seu dia-a-dia vivendo na favela do Canindé-SP, como catadora de papel. Isso porque Carolina era apaixonada por livros e alimentava sonhos, mas vivenciava uma triste realidade e passava a desabafar tudo em seus escritos, que mais tarde, tornaram-se públicos como autobiografia.

As comunidades remanescentes de quilombolas trazem em si uma ancestralidade que perpetua entre gerações, garantindo que os que ali residem compartilhem aos seus familiares o que foi aprendido e o que é relevante para todos em relação a sua comunidade. Sendo assim, a ausência dessas memórias coopera para que as gerações que ali vivem não conheçam a história dos seus ancestrais nem como se empoderar dos costumes aos quais essas comunidades resistem.

Compreende-se que o texto literário contribui significativamente para o desenvolvimento da leitura e da escrita, por isso, vislumbra-se que nas possibilidades de intervenções práticas nas metodologias didáticas das (os) professoras (es) seja também utilizado para auxiliar a escola nos seus desafios no que tange o enfrentamento das violências e intolerâncias que vem permeando as salas de aulas.

Nesse enquadre, têm-se as comunidades de Cristina e Olho D'água, ambas localizadas no distrito de Pajeú dos Ventos, sendo que a primeira ainda não é certificada, enquanto que a segunda é certificada pela Fundação Cultural Palmares e, ao longo desse tempo, vem realizando atividades para o fortalecimento deste espaço enquanto território quilombola, por isso percebeu a importância de utilizar o espaço da escola para resgatar, como produção, a memória e identidade.

O presente projeto possui relevância social para a comunidade local, uma vez que até então, não se tem conhecimento de qualquer estudo ou produção autoral envolvendo os sujeitos das comunidades quilombolas do distrito de Pajeú dos Ventos. Da mesma forma, a pesquisa pretendida emerge como um trabalho significativo e pertinente no percurso da docência, posto que, a partir do convívio com aquelas populações, somos



instigados a (re) pensar e (res) significar o nosso papel enquanto educadores e pesquisadores, e essas inquietações repercutem nas escolhas empreendidas em nossa vida acadêmica, como a de tornar-nos mestres em educação profissional. Assim, a razão pela qual se realiza este projeto é também no intuito contribuir socialmente enquanto pesquisadora da área de História e também da área de Direito³.

Dessa forma, propõe-se, com este projeto, trabalhar a obra literária Quarto de Despejo - diário de uma favelada - da autora Carolina Maria de Jesus com os alunos oriundos de comunidades quilombolas do Grupo Escolar Manoel Soares da Cruz.

Este projeto não tem o condão de esgotar as discussões que porventura possam surgir, mas reconhece o papel que as comunidades quilombolas desempenham dentro dessa sociedade tão marcada pela desigualdade social.

Objetivos

- Objetivo Geral

Para o desenvolvimento do projeto de pesquisa que ora se delinea, adotamos, como objetivo geral: Incentivar e construir o registro de memórias e identidade dos educandos sobre as comunidades de Cristina e Olhos D'água, através de discussões sobre memórias, identidade e relações étnico-raciais com prática relevante do ensino fundamental, através do texto literário afro-brasileiro Quarto de Despejo - diário de uma favelada - da autora Carolina Maria de Jesus.

- Objetivos Específicos

- Trabalhar o conceito de memórias, histórias e identidades;

³ A referência à formação na área de Direito faz-se pertinente, uma vez que existem leis que amparam e reconhecem direitos das comunidades quilombolas, e mapeá-los seria, durante a pesquisa, uma prática intercambiável em relação à minha atuação enquanto professora de história.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

- Incentivar e valorizar a construção da história de vida dos educandos, através de registros de suas memórias e de suas comunidades.

Proposição do projeto

- Pressupostos teóricos e metodológicos

Propõe-se que, através desses resgates históricos, os educandos sejam incentivados por essa busca junto à família, amigos e vizinhos e por objetos que guardam alguma história em relação à sua utilidade, tempo de existência, origem, dentre outros. Aqui, perspectiva-se que a análise realizada será registrada em escritos que começam a dar forma ao resgate e produção de memória da trajetória pessoal.

Para tanto, é importante contextualizarmos que memória, conforme conceitua sinteticamente o dicionário Aurélio, constitui “livros de lembranças”. Assim, defendemos que é através de resgates na lembrança que se possibilitam as construções de identidade de forma coletiva e individual nos quais os educandos estão inseridos, favorecendo uma reflexão étnico-racial com a ancestralidade das gerações pertencentes às comunidades quilombolas de Cristina e Olho D’água, as quais eles convivem diariamente.

Acerca do conceito de quilombo, Munanga e Gomes (2006), esclarecem que

Quilombo não significa refúgio de escravos fugidos. Trata-se de uma reunião fraterna e livre, com laços de solidariedade e convivência e dignidade por meio da fuga do cativeiro e da organização de uma sociedade livre. Os quilombolas eram homens e mulheres que se recusavam viver sob o regime da escravidão e desenvolviam ações de rebeldia e de luta contra esse sistema (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 62).

A partir dessas asseverações, depreendemos que, enquanto docentes, precisamos (res) significar o conceito de quilombo e rever nossos ensinamentos no contexto da sala de aula. A respeito da educação e identidade negra e do que fazer nas escolas, Gomes (2002) destaca que

Talvez, um dos primeiros passos a ser dado pelas educadoras e pelos educadores que aceitam o desafio de pensar os vínculos entre educação e



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

identidade negra seja reconhecer que qualquer intervenção pedagógica a ser feita não pode desconsiderar que, no Brasil, vivemos sob o mito da democracia racial e padecemos de um racismo ambíguo. A partir daí, é preciso compreender que uma das características de qualquer racismo é sustentar a dominação de determinado grupo étnico/racial em detrimento da expressão da identidade de outros. É no cerne dessa problemática que estamos inseridos, o que significa estarmos em uma zona de tensão (GOMES, 2002, p. 42).

De modo complementar, Fanon (2008, p.181) contextualiza que, em sua imediatividade, a consciência de si é simples ser para si, pois é preciso a integração do conceito de reconhecimento, onde para o autor, o outro é igualmente e espera o nosso reconhecimento, a fim de se ampliar na consciência universal de si. Para isso, trabalharemos com os educandos a importância da construção da identidade na perspectiva de consciência universal.

Sobre memória e identidade, Candau (2012) defende a ideia de buscar compreender como passamos de formas individuais para formas coletivas de memória e identidade. Reforça-se o fato de que os conceitos de memória e identidade são indissociáveis das noções contemporâneas que temos sobre as ideias de conservação, restauração e, em suma, da ideia de patrimônio tal como o termo vem sendo redefinido mais recentemente. Ele defende que “o patrimônio é uma dimensão da memória” e que “o patrimônio é menos um conteúdo que uma prática da memória obedecendo a um projeto de afirmação de si mesma” (CANDAU, 2012, p. 163).

Para Lakatos & Marconi (1992), o tema deve ser especializado para que possa ser tratado em profundidade. No entanto, as autoras alertam para os perigos da excessiva especialização, que impede a síntese do trabalho, a correlação entre as ciências e pode dar uma visão unilateral do tema.

Nesse contexto, o estudo que aqui se delineia fundamenta-se na abordagem qualitativa de pesquisa, cujos pressupostos estabelecem um processo investigativo firmado no compartilhamento com pessoas, fatos e locais que constituem os sujeitos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que apenas são perceptíveis a uma atenção sensível (CHIZZOTTI, 2006).



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

Quanto aos procedimentos, o método de coleta de informações, a pesquisa será de campo, tendo como sujeitos de pesquisa alunos oriundos de Comunidades Quilombolas de Cristina e Olho D'Água, pertencentes ao distrito de Pajeú dos Ventos.

- Delimitação do campo de execução//locus de desenvolvimento do trabalho

O locus de nossa pesquisa está localizado no território do distrito de Pajeú do Vento, onde existem três comunidades negras: Olho D'Água, que já possui a certificação da Fundação Cultural Palmares, Cristina e Boa Sorte, sendo que as duas últimas ainda não são certificadas pela Fundação Cultural Palmares. Nesse contexto, observa-se que o processo de certificação em Olho D'Água efetivou-se por agentes externos, ou seja, por pessoas não pertencentes à comunidade, com interesses alheios ou desconhecidos pela comunidade. Dentre as comunidades certificadas pela Fundação Cultural Palmares no município de Caetité, não se sabe quais as motivações para a busca do reconhecimento, uma vez que esta ocorreu de forma lenta e desorganizada. Para além dessa problemática, não se sabe se as comunidades do distrito de Pajeú do Vento têm título emitido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária ou Instituto de Terras Estadual.

Sabe-se que a população da região de Pajeú do Ventos encontra algumas dificuldades para o acesso à educação, onde as crianças e adolescentes das comunidades de Cristina, Olho D'Água e Boa Sorte têm que se deslocar para outras comunidades que ficam distantes de sua comunidade de origem (Tanquinho - Educação Infantil até o 5º ano, Aroeiras – Ed. Infantil até o 5º ano, Distrito de Pajeú do Vento - 6º ano ao 9º ano e na sede de Caetité - Ensino Médio), pois não contam com escolas em suas comunidades.

O presente projeto será apresentado a direção do Grupo Escolar Manoel Soares da Cruz, localizado em Tanquinho de Aroeiras, zona rural, distrito de Pajeú dos Ventos e depois aos alunos da turma do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, alunos esses oriundos de comunidades quilombolas, Cristina e Olho D'Água, logo após sua efetivação junto a escola, a pesquisadora apresentará alguns conceitos sobre de memória, história e identidade, destacando a importância da valorização das identidades afro-brasileiras.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetitê, BA**

Através da obra Quarto de Despejo - diário de uma favelada - da autora Carolina Maria de Jesus, apresentará o formato do diário ao qual foi construída, distribuindo a cada educando materiais para construção das suas descrições com base de alguns trechos selecionados da obra literária citada, para execução em sala de aula.

Em outra etapa, os alunos realizarão o resgate dos objetos pessoais que, dentro de sua comunidade, guardam memória, para que sejam expostos e analisados juntamente com o grupo e, posteriormente, serem registrados em escritos.

O próximo planejamento compreenderá a organização de pequenos grupos que executarão registros da sua comunidade de um espaço em comum ao qual sentem-se pertencentes e tragam lembranças em suas memórias, através da construção de um diário e, de modo complementar e intercambiável, de narrativas que representem um registro da vida deles, como forma de incentivar a escrita e leitura e valorização das suas histórias.

Para a realização desse trabalho, sistematizaremos a seguinte sequência estrutural: exposição dos objetos, análise dos objetos expostos, registro da análise, estudo sobre a autora, estudo sobre a obra, produção de observação em grupo com registro individual; produção de portfólio individual e produção de livro coletivo.

A avaliação será feita de forma qualitativa, onde a pesquisadora estará avaliando os seus alunos de acordo com o seu interesse com as atividades, participação, interação e socialização com os seus colegas e professores.

- Sujeitos/beneficiários

A pesquisa que envolve o ambiente escolar tem suas particularidades. Ao buscar a escola como parceira na construção do conhecimento, sabemos que iremos lidar com o seu tempo, o seu espaço e os seus sujeitos. A organização escolar, por sua vez, tem suas razões e sua lógica, as quais devemos respeitar ao buscar ali nossos dados de investigação.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

**V Seminário Interdisciplinar
de Ensino, Extensão e Pesquisa**

Inicialmente a previsão para realizar nossa pesquisa, exclusivamente, junto aos alunos do 4º. e 5º Ano do Ensino Fundamental I do Grupo Escolar Manuel Soares da Cruz, onde os sujeitos/beneficiários do nosso projeto serão crianças e adolescentes oriundas das comunidades quilombolas de Cristina e Olho D'Água.

- Resultados/produtos esperados

Nesse percurso, reiteramos que a temática desse trabalho emerge como uma possibilidade de resgate e incentivo à produção do registro de memórias coletivas e individuais dos educandos do 4º e 5º ano do Grupo Escolar Manoel Soares da Cruz, através do estudo da literatura afro-brasileira e autobiográfico da escritora Carolina Maria de Jesus da obra Quarto de Despejo - diário de uma favelada – que, em sua relevância, discute o cotidiano e que potencializa a formação identitária e as relações étnico-raciais.

Diante da possibilidade de se resgatar a memória coletiva recuperando objetos vinculados às lembranças, compreendemos que se faz pertinente que os alunos sejam estimulados a produzirem pequenos relatos dessas memórias em forma de registros sobre suas histórias individuais e coletivas. Desta forma, os alunos poderão atuar em consonância com as propostas deste trabalho que compilará todos os relatos registrados em um portfólio individual para a produção de um livro. Ao final do projeto, a pesquisadora selecionará alguns textos dos educandos para compor a organização de um livro, tendo como tema: “Conhecendo e registrando nossas memórias”.

Os anseios relacionados ao desenvolvimento desse projeto despontam de modo acentuado, uma vez que são escassas as fontes que trazem alunos de comunidades quilombolas como autores de sua própria história e, assim, torna-se imprescindível o desenvolvimento de pesquisas vinculadas a essa temática.

É importante destacar que todo o processo será marcado pelo estudo bibliográfico e planejado em conformidade com a proposta ora apresentada e com as contribuições advindas do Programa de Mestrado.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

Em relação às técnicas, serão utilizados múltiplos instrumentos de coletas de informações: questionários (que propiciarão um levantamento de dados da escola acerca do quantitativo de alunos oriundos de comunidades quilombolas), entrevistas semiestruturadas, notações em caderno de campo, câmera fotográfica⁴, gravador de voz. Serão realizadas observações livres, anotações de campo e observação participante, tendo em vista a necessidade interação da pesquisadora com os sujeitos pesquisados. Nessa etapa, procederemos aos registros fotográficos e entrevistas com alunos sujeitos da pesquisa.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Diário Oficial: Brasília, 10 de janeiro de 2003. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em 17/12/2018.

CANAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

FANON, Franz. **Pele negra, máscara branca**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra**. In: Aletria – revista de estudos de literatura. Alteridades em questão. Belo Horizonte, POSLIT/CEL, Faculdade de Letras da UFMG, v.6, n.9, dez/2002, p. 38-47.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**. São Paulo: Ática, 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MUNANGA, Kabengele. GOMES, Nilma Lino. **O Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo, Editora Global, 2006.

⁴ É importante destacar que as fotografias serão realizadas de maneira a preservar a identidade dos sujeitos pesquisados.